

Empresários prevêem recessão e desemprego

Comércio refaz planos de estoques e reduz pela metade contratações temporárias para festas de fim de ano

PATRÍCIA ZIMMERMANN

O PACOTE do Governo Federal para manter a estabilidade econômica deve provocar recessão, inflação e desemprego. Essa é a expectativa do presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), Lourival Dantas, para os próximos meses. "Não imaginávamos que as medidas anunciadas pelo Governo Federal fossem tão agressivas", disse Dantas, preocupado com o futuro das indústrias do Distrito Federal.

"Se os financiamentos do BID para a área de infra-estrutura, e do BNDES, para as obras do Metrô, forem suspensos, será o caos no DF. O DF depende muito dos repasses. Esperamos um tratamento diferenciado do Governo Federal". Segundo ele, no DF 98% das empresas são voltadas para o comércio local, não têm cultura de exportação e deverão sentir imediatamente os reflexos do pacote. "Quem está com dificuldades de capital de giro e depende de financiamentos deve quebrar. O pacote veio justamente no momento em que as empresas começavam a se adaptar à estabilidade da economia", observou.

Mas a crise maior deve acontecer em fevereiro. A previsão de Dantas é de que número de desempregados, que é o mais alto do país e supera os 155 mil, ou 18% da população economicamente ativa do DF, deve chegar a 200 mil no segundo mês de 1998. Lourival Dantas aposta, no entanto, na articulação do GDF no sentido de reduzir os impactos no índice de desemprego. Ele sugere a agilização dos

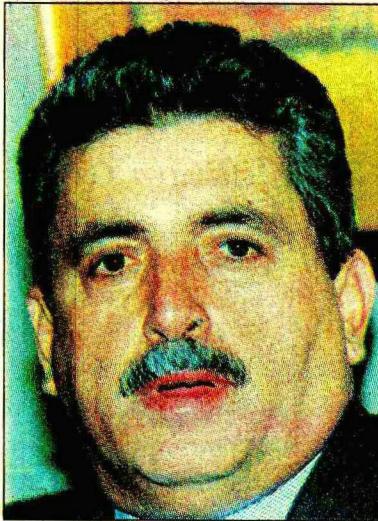
projetos que devem atrair grandes investimentos, como o projeto Orla e a construção da terceira ponte do Lago Sul.

Terremoto - O presidente da Federação do Comércio do DF (Fecomércio), Sérgio Koffes, disse que o pacote está sendo sentido pelo setor como um terremoto. "Os empresários mal acabaram de avaliar o impacto dos juros altos nas vendas do final de ano e foram surpreendidos com medidas que terão reflexos sérios no Distrito Federal".

As contratações temporárias previstas para novembro e dezembro serão reduzidas pela metade. A expectativa do presidente da Fecomércio é de que haja queda nas vendas com relação ao ano passado. O crescimento previsto era de 15%, mas já foi descartado. A esperança alimentada pelos funcionários públicos de um reajuste de salário, depois de três anos sem aumento, também era aguardada pelo comércio, que sofre hoje com a frustração.

A demissão de 33 mil funcionários públicos, a redução de 20% dos contratos de prestação de serviços de vigilância e segurança, corte em 10% das gratificações do funcionalismo público federal em cargos comissionados, e o aumento do Imposto de Renda de Pessoa Física são as medidas que mais preocupam o presidente da Fecomércio. Segundo ele, quando não eliminam, no caso das demissões, as medidas reduzem o poder de compra da população.

Sobre a arrecadação de ICMS, Koffes afirma que ainda não tem uma idéia do tamanho da queda. O balanço deverá ser feito hoje pelos empresários.



Dantas: desemprego deve aumentar



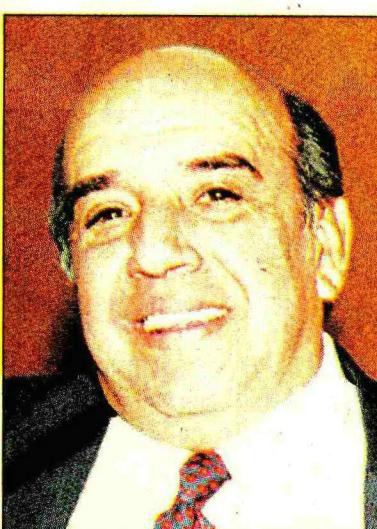
Koffes: terremoto para o comércio



Marques: pequena inflação é melhor



Cury: concorrência derrubará preços



Moraes: o importante é vender rápido

Fotos: Arquivo

Medidas econômicas podem estimular a concorrência das empresas e forçar a queda dos preços nas compras à vista. Lojistas devem trabalhar com margem de lucro menor

CONCORRÊNCIA

Preços devem ter redução

A expectativa das medidas do Governo Federal provocou uma queda de 40% nas vendas do comércio na primeira semana de novembro com relação ao mesmo período do ano passado. O pacote, no entanto, deverá intensificar a concorrência entre os lojistas. Segundo o presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, Lindberg Cury, a concorrência deverá forçar a queda dos preços nas vendas à vista.

Lindberg prevê uma transformação geral no perfil de compras. "No lugar de bens duráveis, como automóveis, eletrodomésticos e eletro-eletrônicos, cerca de 90% dos produtos vendidos deverão custar até R\$ 200", prevê. Na avaliação do presidente do Sindivarejista, Lázaro Marques, uma pequena alta da inflação seria melhor para o comércio do que a recessão.

A tendência, segundo ele, é de que o comércio trabalhe com margens de lucro menores nas vendas à vista. "É melhor vender mais barato do que ficar com a mercadoria no estoque pagando juros", disse. O presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Antônio Augusto de Moraes, concorda com a tendência de queda dos preços. "O lojista deverá reduzir os preços para conseguir vender mais rápido e ter dinheiro em caixa". (P.Z.)